

Editorial

As eleições atualmente polarizam discussões que se tornam superficiais, como se a descriminalização das drogas e do aborto, a criminalização da LGBTfobia e o sistema tributário fossem pautas desconexas entre si. Na verdade, fazem parte de um projeto de Estado e de sociedade que necessariamente passa por essas discussões, mas também por muitas outras que acabam sendo ignoradas. Se existe uma luta contra o patriarcado e a cis-heteronormatividade, contra o racismo e o capacitismo, a criminalização de algumas condutas não será suficiente. Mudanças culturais exigem mudanças na estrutura educacional e midiática.

Se existe uma luta para distribuição mais igual de renda e Justiça, transferências diretas não serão suficientes. Mudanças econômicas exigem mudanças na estrutura tributária, agrária, industrial.

E por isso essas pautas que parecem desconexas têm importância maior do que lhes é dada. As Universidades são parte desses projetos de Estado e sociedade em discussão nas eleições e compõem um projeto por e em si próprias. Para quem e para quem serve a Universidade Pública? Garantida a educação pública e de qualidade para todos e todas pela Constituição Federal, emerge o questionamento do acesso e permanência ao ensino superior. Os vestibulares tradicionais exigem uma formação que não necessariamente se traduz em conhecimento.

São informações específicas decoradas para um tipo específico de prova. E só tem acesso a esse tipo de conhecimento quem tem dinheiro. As pessoas pobres que conseguem, por diversos fatores socio-econômicos, muitas vezes conjunturais e alheios a vontades, trabalham jornadas a mais para garantir educação “de qualidade”. Quem não tem dinheiro e nem essas oportunidades esparsas, se forma no ensino básico e médio da rede pública, que não garante os conhecimentos e manhas exigidos pelo vestibular. Portanto, já temos nesse processo uma seleção muito mais econômica que de conhecimento ou “mérito”.

E quem passa por esse funil desigual que é o vestibular pode se manter na universidade? Só se tiver apoio da família. Existem possibilidades, claro. Pode-se trabalhar o dia todo e estudar à noite, o que obviamente limita sobremaneira o tempo que pode ser dedicado ao tripé estudo, pesquisa e extensão. Pode-se requerer auxílio, da universidade ou outros órgãos públicos, por meio de bolsas.

Mas elas têm valores que não raro são insuficientes para as cidades do interior - para capitais e cidades mais caras, são miseráveis. Pessoas LGBT e mulheres são expulsas de casa todos os dias. Pessoas deficientes têm necessidades especiais que requerem gastos adicionais. As opressões não se dão de forma isolada: classe se cruza com gênero, sexualidade, capacitismo, etnia. Existem Moradias, Restaurantes Universitários e bolsas para amenizar esses problemas. Mas, quando existem, essas estruturas são insuficientes e precárias.

O projeto de Universidade Pública que se tem implementado exclui classes sociais inteiras do conhecimento, da ciência, do aperfeiçoamento profissional, das movimentações políticas. E é nosso dever, como “elite intelectual” - o que na atual conjuntura é quase o mesmo que dizer elite econômica e política - lutar pela democratização do acesso e da permanência estudantil

-Gestão PAGU

OCUPAÇÃO NA UFRGS

No fim de 2013, os estudantes da Faculdade de Direito da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), juntamente aos coordenadores do Centro Acadêmico André da Rocha (CAAR), iniciaram uma grande mobilização em virtude de indícios quanto a falta de lisura em um concurso para a cadeira de Direito Penal e Criminologia. Tais indícios contam com a manifestação dos dois professores externos da banca pela não homologação do concurso na ata de conclusão dos trabalhos e assinatura de um termo afirmando terem se sentido constrangidos pela maneira como fora conduzido o processo seletivo, por motivo de comportamentos do presidente da banca que comprometeriam a imparcialidade do concurso, além de terem sido pressionados até pelo Diretor da Faculdade.

O CAAR buscou diálogo com os envolvidos a procura de esclarecimentos, porém estes optaram por não se pronunciar a respeito. Dado isto, e a partir da homologação do concurso, interpuseram recurso dentro das vias burocráticas da universidade. Considerando essa medida insuficiente, atuaram em representação feita ao MPF, e protocolaram requerimento de instauração de Procedimento Administrativo Disciplinar, para que fosse investigada a situação e feita a apuração de uma possível improbidade administrativa.

Reivindicando a anulação do concurso em questão, o atendimento das demandas do corpo discente por parte faculdade e pela universidade e considerando a não obtenção de uma resposta efetiva mesmo com a tomada de todas as medidas supracitadas pelo CAAR, os estudantes de direito da UFRGS ocuparam parte da Faculdade de Direito em maio de 2014. A repercussão da atitude dos estudantes extrapolou a comunidade acadêmica da UFRGS e virou notícia. Depois de 31 dias, a ocupação se encerrou, com a promessa de continuidade das mobilizações, quando ocorreu uma audiência de conciliação com a presença da direção, professores e funcionários da unidade, culminando na anulação do concurso para professor adjunto de Direito Penal e Criminologia.

Por devida apuração dos fatos, por lisura e idoneidade nos processos seletivos de professores universitários, por transparência e imparcialidade, contra a prática do “jeitinho” e de acontecimentos ocorridos por “debaixo dos panos”, aplaudimos a luta dos estudantes da UFRGS e esperamos que ela inspire nosso campus, assim como todos os estudantes universitários do país.

Láís Ribeiro, Coord. de Política Externa



Gestão Pagu

IV SEMINÁRIO DE DIREITOS HUMANOS

31 OUT/
02 NOV

FACULDADE DE DIREITO DE FRANCA



REALIZAÇÃO:    

EVENTO:

TEMA: "CONTROVÉRSIAS DA TUTELA PENAL NAS DEMANDAS DAS MINORIAS"

O Seminário de Direitos Humanos é um espaço da FENED (Federação Nacional de Estudantes de Direito) que visa a discussão teórica e política dos Direitos Humanos no Brasil. Este ano ele tem como tema "Controvérsias da tutela penal das demandas das minorias". Ocorre entre os dias 31 de outubro e 2 de novembro na Faculdade de Direito de Franca (FDF). O evento busca discutir, num viés criminológico crítico, as demandas dos movimentos sociais de minorias que perpassam o Direito Penal. Criminalização da LGBTfobia, do racismo e do feminicídio, descriminalização das drogas e do aborto são alguns exemplos possíveis. O Direito Penal tem exercido um papel importante na manutenção das estruturas sociais excludentes. Sua maior demonstração é a seletividade penal: a grande maioria da população carcerária é negra e pobre, muito embora a criminalidade exista em todas as classes sociais e etnias. Nessa conjuntura, torna-se premente uma discussão profunda a respeito da tutela das chamadas minorias. Será o Direito Penal o caminho? Tem o sistema penal poder transformador na sociedade? Como tutelar os direitos humanos das minorias sem propagar a já conhecida exclusão sofrida por alguns setores da sociedade?

O evento contará com apresentação de trabalhos a serem publicados em anais eletrônicos. Terá exposição de professores já conhecidos pela comunidade acadêmica unespiana, como o Prof. Eduardo Saad Diniz e a Profa. Ana Gabriela Mendes Braga. Contará também com a presença de outros grandes criminalistas, penalistas e criminólogos.

Maiores informações:
<http://ivsdhfened.blogspot.com.br/>

SONETO DE UM JOVEM BEATNIK

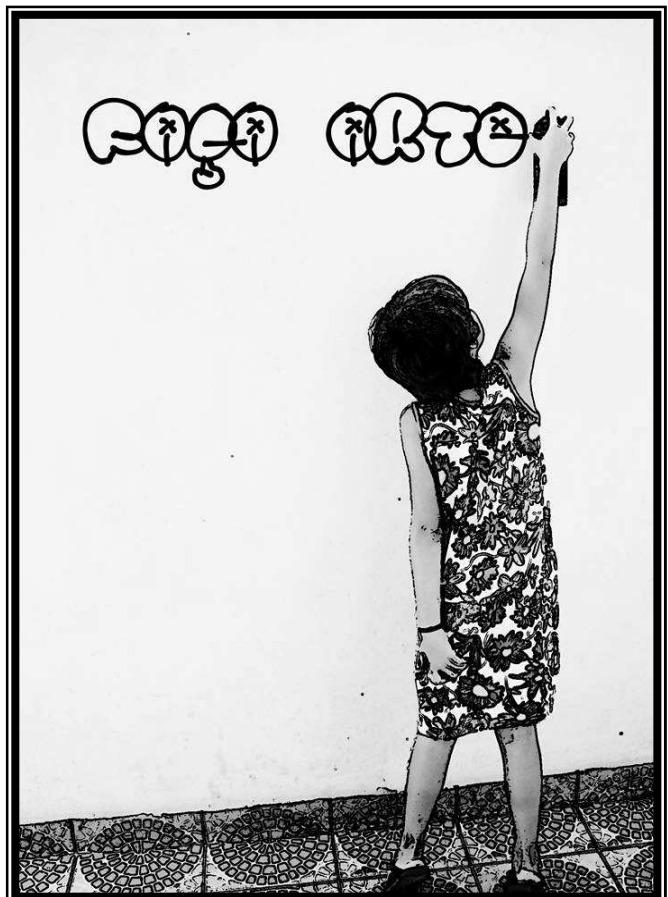
Existe no meu peito uma revolução
Que pode chorar, gritar, morrer e viver
Em brigas que eles, velhos, tentam esquecer
Levo comigo os sonhos de uma geração

Sem dor, confesso que não existe razão
Sempre amo e sofro quando não devo sofrer
Mas há mais de mil pessoas para conhecer
E logo volto a amar, já com toda emoção

Em toda noite há uma vida e na vida um fim
Então vivamos o agora, não só a partida
Da juventude que parecia imortal

Veja que tudo fora da lei é legal
Não acredite que eu tenho medo da vida
Acredite que a vida tem medo de mim.

-Marcus Faria
XXX Turma, Direito



"Faça Arte" - Alemão Stencil, 1º ano de História

Material do Aluno

A Copa de 1938 e uma identidade nacional brasileira

O futebol deu um passo fundamental na transformação das bases sociais brasileiras em 1938, na Copa do Mundo realizada na França, com a ascensão de dois negros ao *status* de ídolos nacionais (Lêonidas da Silva e Domingos da Guia) e a emblematização de um fenômeno que se consolidaria no país: a popularização do futebol e a utilização deste como meio de catálise da identidade nacional brasileira.

O final do séc. XIX marcou a chegada do esporte para o Brasil, contudo seus primeiros momentos de prática se traduziam em um traço distintivo de alguns jovens em relação ao restante da sociedade brasileira. O intuito era nítido, exaltação dos hábitos e modo de vida europeus, tão almeçados pela elite nacional. Era comum as famílias abastadas enviarem seus filhos à Europa para um período de estudos, já que o ensino no Brasil era defasado e longe de ser democrático. Em seus retornos, os jovens traziam um pouco dos costumes europeus, inspirados, sobretudo, nos padrões franceses.

Com o decorrer do tempo, o futebol começou a atrair a população marginalizada. A prática que inicialmente se dava exclusivamente nos clubes de elite, principalmente dos estados de São Paulo e Rio de Janeiro, começou a se popularizar e concomitantemente ao fenômeno de industrialização, se percebeu uma intensificação da sua prática nos bairros operários. Até esse período, os esportes mais praticados eram o turfe e o remo, esportes estes que deram origem a inúmeras entidades conhecidas atualmente pelo futebol.

A recém instaurada República despertou um sentimento de mudança, embora tenha sido proclamada sem a iniciativa popular, e trouxe a reforma educacional dos anos 1920 junto às pretensões de promover uma uniformidade ao Brasil. A Primeira Guerra Mundial, colabora, provocando uma descrença dos valores europeus tão almeçados de promoção da ordem, do progresso e da ciência como garantia de paz.

Continua na Pagina no Vanguarda no FB

Guilherme Campos de Moraes (Baguá)
XXVIII Turma de Direito

Verdades e Mitos sobre o Voto Nulo e Branco

Você sabe a diferença entre voto branco e nulo? O voto branco acontece quando você clica na tecla “BRANCO” e confirma, e o voto nulo, quando você vota em algum número não cadastrado. No entanto, na prática, eles são a mesma coisa, uma vez que os dois tipos de voto são INVÁLIDOS! Em outras palavras, eles não são contabilizados na soma final dos votos, tendo apenas fins estatísticos. Portanto, não existe essa história do voto ir pra quem está ganhando; o que acontece, na verdade, é a abstenção do voto nas duas formas.

Além disso, sabe aquela história de que mais de 50% dos votos nulos iriam anular as eleições? Isso não é verdade. Então, de 100 eleitores, se 99 votarem branco ou nulo, o único voto contabilizado será aquele 1 que votou em alguém.

Votar branco ou nulo é um direito seu! Porém, vale lembrar que quando você o faz, é como se dissesse que não quer ser representado e que deixa os outros decidirem por você! Para outras curiosidades sobre a política brasileira, curta a página do Política para Jovens no facebook.

Jackeline Ferreira da Costa (Boing)

XXVIII turma, Direito

Membro do CEPC – Projeto Política para Jovens



BELLVET
Atendimento Veterinário Domiciliar
(16)98120-1966 / (16)99247-1415

Material do Aluno

Sob o Céu, Sobre o Mar

Uma vez embarcados no barco do tempo, não mais haverá momentos para paradas. Sempre com o vento em popa, as velas inchadas impelem inexoravelmente a fortificação aquática rumo ao desconhecido. Rotas traçadas no mapa da vida não conseguem prender a embarcação em finitas possibilidades de trajeto, com as ondas balançando certezas para o alto e re- virando temores das profundezas, fazendo-nos navegar em círculos, deslizar em direções desconhecidas que nunca pensaríamos em tomar e mesmo nos mandam para locais que deveriam permanecer escondidos dos humanos...

E surpresas não faltam nessa longa e curta viagem quando tempestades tenebrosas colidem com o denso oceano, transformando-o em ímpeto que parece criado unicamente para destruir o barco. Mas quando o último suspiro está próximo e o desespero abraça a alma com seus dedos gélidos tocando a espinha, um ímpeto ainda mais vigoroso grita: a sobrevivência. Alguns escutam e com força renovada remam contra a correnteza, buscando se libertar com os próprios braços da maldade e das armadilhas postas no percurso. Outros, com a vontade abalada, mergulham nas águas ou são pegos pelas ciladas e param. Congelam no tempo e, impedidos de prosseguir, naufragam em ilusões próprias que jamais se realizarão.

Mesmo podendo ser cruel, surpresas extremamente gentis surgem flutuando no horizonte e calmamente trazidas pela correnteza até a embarcação. Ora suprimentos extras para manter a tripulação viva, ora naufragos de outras jornadas, novas experiências enriquecem a qualidade do conteúdo dessa fortaleza e atizam, como um fole soprando fogo de uma fornalha, a imaginação, desejosa por novas aventuras. Assim, por diversas vezes o trajeto se altera, contudo, sempre seguindo o mesmo destino.

Nesse fluxo inconstante, na valsa do oceano da vida, escolhemos a melhor corrente que nos guiará ao último destino. Seguindo o vento ou as correntezas do oceano, o resultado não se alterará. O silêncio da explosão de cores que nos aguarda no céu é o mesmo que tremula e oscila sobre o mar. Em uma distância infinitamente curta, onde essa oposição se casa, aguardam-nos tranquilamente, enquanto o crepúsculo marca sua passagem em um rastro luminoso e sombrio para o anoitecer. Uma escuridão iluminada que busca incessantemente a luz mais uma vez...

Leonardo Eiji Kawamoto (XXXI Turma, Direito)

VEM A VÓS, NOSSO VENENO

Ventilar o sofrimento sem que o credor venha com a nota fiscal,
abraçar ações em prol do mar ou do sol, se preciso for, até carpinar,

medir as regras usando a luta de classes, selar as incapacidades guiando a sociologia como moinho entoadado pela coragem.

Terra batida acima de qualquer coisa campesinato,

Piseiro em que bocas, estômagos, esôfagos, rins, costelas e braços cercam o cerco de fogo contra as chamas ardentes das usinas.

Completando o circo um (v) adquire as rédeas pedindo para que o solo seja batizado para que a produção mantenha-se ereta!

E o vinho é tomado em curvas de nível, uma besteira, um ninho de serpentes engolidos todos os dias mesmo que santificado pela oferenda!

Sem querer as nossas veias vão sendo tomadas pelas notas musicais, delírios machadianos desdenhadamente!

Vício da produtividade, o feto estoura a bolsa de valores cumprindo melindrosamente o funeral literário com flores, florestas, gramíneas, sítios, fazendas, arroz, feijão, batata, alface, almeirão, cenoura, você, sua mãe, seu pai, sua irmã, o vizinho, o seu cantor, jornalista, tudo garganta abaixo!

Saciado seja o teu nome! Porco, nojento, carnívoro, mediocridade substantivada, crava com cifrões, declarada ostentativa pela sua própria natureza. Enquanto que, do outro lado da ponte, crianças gemem de fome, pessoas caminham milhas por um gole de água, a seca invade a natureza, e o natural é envenenar-nos com toques de "Natureza"...

Estranho, pacato esse (V), mesmo que diante de toda novela, teatro armado dentro do meu quintal, saca da arma e mate a minha saúde decorando o ciclo da vida com o broche do Governo Federal,

afinal, na medida exata: "Um veneno incomoda muita gente, bilhões de litros de veneno incomodam muito mais", saqueia-se das armas do totalitarismo alimentar tutelado pelo Estado, do mal ou do bem estar!?

Continua na Pagina do Vanguarda no FB
-Gulherme Campos de Morais (Baguá)
XXVIII Turma, Direito

Material do Aluno

Fumaça (Continuação)

2. Adagio poco febrile.

Eu via o horror naqueles olhos pequenos quase ocultos por duas pálpebras flácidas pintadas de um azul que não existia na natureza. Suspeito que aqueles olhos jamais houvessem sorrido. Sequer antes da primeira noite em que ela acordou com o pai cheirando-lhe as coxas e tapando-lhe o grito, ou mesmo antes da primeira mordida, do primeiro cigarro apagado no suor de sua carne, do primeiro contato de seus olhos mortos com a saliva viscosa de um fumante: V. conhecia o horror antes mesmo de despontar da vagina de sua mãe analfabeta.

Ela já não tremia, finalmente. Quando seu cigarro acabou, o filtro branco marcado de batom foi lançado com desprezo numa poça d'água e, imediatamente, nossa musa voltou a vasculhar a bolsa pequena. Era como se a vida estática a ofendesse. Contemplar a rua, cerrar os olhos para descobrir os motoristas e suas sedes, contentar-se com a espera - tudo isso a corroia. Como se a própria percepção de seus batimentos cardíacos impecavelmente ritmados ou da quentura agradável de seu hálito honesto provocassem-lhe a pior das afrontas. V. estava tentando empurrar dois comprimidos brancos rumo ao fundo gentil de sua garganta quando um Fiesta estacionou em sua frente.

Quatro homens estavam no carro. De vez em quando, o que estava dirigindo levava uma garrafa à boca sem nunca ousar encarar V.. Os outros a engoliam. Ainda acovardados e de vidros fechados, três animais sussurravam dentro de um carro prateado enquanto sentiam a familiar pancada de sangue preenchendo três cacetes ansiosos. Nunca haviam feito aquilo. Quando um deles abriu o vidro e colocou o braço pra fora num convite claro à aproximação, tudo o que V. pôde decifrar de sua fala foi uma língua estalando, úmida, no céu de uma boca pavimentada de menta e alcatrão. Ele corou. Logo, a besta com quem dividia o banco veio em seu socorro. Nós quatro, ele disse.

Nunca vi V. dizendo não.

Ela checou o horário em seu relógio dourado, inflou o peito num exercício de preparo e tentou, hesitante: - Duzentos. Minhas vistas alcançaram uma das portas traseiras do carro se abrindo sem que ninguém fosse descer e V., em silêncio e cheia de um desgosto de rasgar a cara, aconchegou-se entre os dois homens que estavam no banco de trás.

V. demorou a voltar.

—Mina Vieira (Historia, 3º Ano)

CONTINUA NA PROXIMA EDIÇÃO

E NO FRIGIR DOS OVOS

(Continuação)

—Aristofanes de Heraclião (5º ano de Direito)

Mas, não viemos aqui falar de ratos nem perder nosso tempo com suas armações. Vendo que a greve era inevitável e antes que as rapinas lhes cobrasse explicações, os ratos correram para seus buracos e lá se mantiveram escondidos revirando-se em sua sujeira. O pavão misterioso foi ter com o chefe do galinheiro, um galo franzino e fraco que parecia não ter força para se impor sobre os outros galináceos. Temendo alguma retaliação do granjeiro, decidiu ouvir alguns galos e galinhas. Seu receio tornou-se pânico quando até mesmo os pintos, também agitados por toda aquela situação, decidiram decretar sua própria greve. Contudo, como não pusessem ovos, em uma perfeita demonstração de um juízo de frangos, os pintinhos decidiram decretar uma greve de fome, um meio de resistência um tanto improvável para criaturas em fase de crescimento, naturalmente esfomeadas. Tanto assim que, ignorando a greve dos pequenos, o granjeiro, continuou a lançar os grãos todas as manhãs, que, no entanto, agora eram consumidos pelos vermes e parasitas que rondavam o galinheiro, além é claro, de alguns pequenos galináceos desobedientes que ciscavam às escondidas na calada da noite, longe dos olhos de seus companheiros.

Embora o granjeiro não dispensasse muita atenção aos pintos, os cestos vazios não lhe escaparam. Nos primeiros dias que se seguiram ao início da greve, o granjeiro procurava desesperado por uma solução. Decidiu rever as tabelas de produtividade e o histórico de cada galinha, contudo, pode-se dizer que ele nunca esteve disposto a diminuir as cobranças ou facilitar a vida das penosas. Acreditava que as galinhas tinham vindo ao mundo com um único propósito, o de botar ovos sem pausa, sem descanso ou remuneração, em troca de um teto e um pouco de comida para lhes encher o papo. E já que falamos em comida, algo que sempre desagradou as galinhas era a ração de quinta com que o granjeiro sustentava sua criação. A ele, jamais lhe passara pela cabeça que as galinhas tivessem paladar suficiente para perceber a porcaria com que eram alimentadas. Não que lhe faltassem recursos para prover uma melhor dieta, faltava-lhe talvez um pouco mais de compaixão. O granjeiro, um especialista na arte da economia, tocava o galinheiro com pulso firme. Com sua obsessão em fazer seu negócio cada vez mais lucrativo, sequer se dava conta de que as aves andavam todas um tanto fracas e insatisfeitas. Interessava-lhe apenas os ovos. O tolo jamais imaginara que as galinhas pudessem um dia se mobilizar...

Material do Aluno

ELEIÇÃO DOS BICHOS

UM TRIBUTO A GEORGE ORWELL

Quando morreu o último leão do Reino dos Bichos, houve disputa para ver quem assumiria o poder. Os bichos concordaram com a república e, assim, cada animal votaria e escolheria o melhor para governar. Isso causou um grande rebuliço entre os bichos, motivo pelo qual houve vários candidatos. Contudo, três deles se destacaram perante os demais. Eles eram: o porco, a cadela e a galinha. Cada um procurava fazer um discurso convincente aos bichos, a fim de ganhar sua simpatia. Organizaram-se vários debates e comícios entre os animais. No entanto, a maioria dos animais era incapaz de decidir seu voto com base nas propostas apresentadas e boa parte deles acabou votando por afeição aos candidatos.

Muitos deles não gostavam do porco devido aos seus hábitos preguiçosos e por sua fama de meter o nariz onde não devia. Outros muitos também estavam descontentes com a cadela desde quando ela ainda trabalhava para o leão, além de não gostarem da sua cara sisuda e de sua truculência. Em relação à galinha, por outro lado, muitos eram indiferentes, outros gostavam dela, por exemplo, pela maneira com que fazia seu trabalho religiosamente, acordando e indo dormir todo dia no mesmo horário e ciscando no mais do tempo. Foi dessa forma que a galinha acabou por ser eleita. Todavia, seu governo não durou muito, cacarejava demais e era incapaz de tomar as decisões necessárias, isso quando não concordava com o último que com ela tivesse falado. Hoje, os animais não têm mais governo, isso porque se apurou depois que a galinha havia sido eleita com a ajuda dos homens...

—Vinicius Ormelesi
Formado/Direito

DESEJO

Carne macia que enaltece o desejo
desesperado.
Que clama, que pede
por um toque,
por mãos que acordem o tormento.
Corpos que juntos, se movem
por algo que não são eles
não são um,
são dois, que pedem,
que imploram, no escuro da noite
por um toque molhado
de sangue, de suor, de sentimentos
que não existem,
mas vibram
como se quisessem estar lá
por um breve momento:
vã tentativa.
São dois,
opostos
que clamam,
que imploram,
sozinhos.

—Marcela Helena Petroni Pinca (Kiss)
XXX Turma de Direito

AUTO ESCOLA
METR  POLE

12x
no cartão

Aulas práticas
nas categorias
A,B,C,D e E

Av. Chico Júlio, 3246 - Franca
(16)37243574 / (16) 993755505

Envie seu texto, crítica, poema
ou charge para o
VANGUARDA

E-mail: direitounesp@gmail.com
[Facebook.com/vanguardaunesp](https://www.facebook.com/vanguardaunesp)
[Facebook.com/direitounesp](https://www.facebook.com/direitounesp)
www.direitounesp.com

Boletim de Política Interna e Qualidade de ensino

CONSELHO DE CURSO

Depois de um período sem reuniões devido à greve dos TRÊS SETORES, o Conselho de Curso de Direito foi convocado para o dia 22/09 para discutir o calendário de reposição e outras pautas. No entanto com o prosseguimento da greve de alunos e no que pareceu uma retaliação a essa conduta dos discentes, foi anunciado o cancelamento de tal reunião. Sempre que perguntados, administração e professores diziam que o Conselho só voltaria a se reunir quando os discentes decidissem voltar às aulas.

Lembrando que as reivindicações dos alunos por uma reposição decente se alicerça nas experiências negativas da greve de 2013, na qual alguns docentes não cumpriram o calendário, correram com as aulas prejudicando a qualidade de ensino do curso.

Após as pressões dos discentes e da cobrança dessa reunião junto à Direção do Campus, foi finalmente convocada uma nova reunião em caráter extraordinária somente para discussão do calendário.

O calendário aprovado ficou da seguinte maneira:

Reinício das aulas: 08/10/2014

Final do 1º Semestre: 22/11/2014

Início do 2º Semestre: 26/11/2014

Colação de Grau: 30/04/2014

O aprendizado tirado desse episódio é que nós, discentes, não devemos acatar as ordens que vem de um sistema vertical e que desrespeita a igualdade entre alunos e professores. Mesmo que não haja paridade em tais órgãos, é de extrema importância que não nos acomodemos e pressionemos para que nossas vozes sejam ouvidas e, principalmente, respeitadas. Não estamos aqui por mero favor e sim por direito.

DEPARTAMENTO DE DIREITO PÚBLICO

(Reunião ocorrida no dia 01/10/2014)

- Aprovação das normas e do calendário para eleições de chefe e vice chefe do Departamento de Direito Público para o biênio de 2014.
- Prorrogação do contrato do Prof. Sílvio Marques Garcia para o 2º semestre letivo de 2014. O docente é responsável pelas disciplinas de Direito Tributário I e II e Direito Financeiro I e II.
- Rescisão do contrato de trabalho para o 2º semestre letivo de 2014 do Prof. Luiz Gustavo Vicente Penna. O docente deverá finalizar o 1º semestre letivo de 2014, de acordo com o calendário estipulado pelo Conselho de Curso de Direito.

CONGREGAÇÃO

CONGREGAÇÃO EXTRAORDINÁRIA (30 de Setembro)

Após a pressão dos alunos para que fosse convocada uma Congregação para DISCUSSÃO e aprovação de um novo calendário que garantisse uma reposição decente, foi convocada uma reunião para o dia 30/09/2014 (na terça-feira).

Acontece que na reunião, a Diretora Célia David iniciou a votação do calendário sem NENHUM DEBATE e nenhuma explicação das opções de calendário aprovados por cada um dos 4 cursos. Em menos de 30 MINUTOS foi realizada uma votação que ia contra os interesses da maioria dos alunos. Numa atitude esquizofrênica, cerca de 12 docentes e funcionários aprovaram um calendário que tinha como início o dia 29/09/2014 (segunda-feira), ou seja, um dia antes daquela votação. A representação discente e os poucos docentes e servidores que sobraram votaram pela opção de início no dia 06/10. Logo após, os docentes se levantaram, deram as costas a qualquer discussão e se retiraram da sala de votação.

Esse foi mais um exemplo de democracia dentro da universidade, quando convém há o diálogo, quando não, a vontade de uma classe prevalece sobre a das outras, prejudicando-as. Naquela sala de congregação, o momento histórico pode até ser democrático, mas a aula foi de absolutismo, quando se usa de seus privilégios (70%) para passar pelo direito da maioria.

CONGREGAÇÃO ORDINÁRIA (07 de outubro)

Na congregação ordinária do dia 07 de outubro, presidida pela Profa. Dra. Márcia Pereira, foi-se abordada a questão do Concurso de Processo Civil I, II, III e IV em que o aprovado era orientando o presidente da Banca avaliadora.

Com a ajuda dos Representantes Discentes e a pressão dos alunos, conseguimos dialogar com os professores e viabilizamos a não-homologação do concurso, pendendo ainda o parecer do Prof. Dr. José Duarte Neto para que se decida se o edital inteiro será anulado ou apenas a banca.

DEPARTAMENTO DE DIREITO PRIVADO

(Reunião ocorrida no dia 25/09/2014)

- Definição dos horários das aulas para Processo Civil e Direito da Família, disponível em nosso site: www.direitounesp.com.
- Parecer DESFAVORÁVEL ao Relatório Anual de atividade da Profa. Dra. Eliane Maria Octaviano Martins e seu consequente desligamento.
- Discussão sobre ofício 65/2014 do CADir inquirindo o Departamento sobre o concurso para Processo Civil ocorrido durante o período de Greve.

Boletim de Política Interna e Qualidade de ensino

Mais um capítulo dos problemas com Processo Civil:

Como todos puderam acompanhar ao longo desses últimos meses, o Centro Acadêmico têm empenhado uma verdadeira luta contra o descaso que recai sobre a matéria de Processo Civil há anos. Estivemos tentando o diálogo com o Departamento de Direito Privado desde o caso do Prof. Alexandre Alliprandino até o Prof. André Valim Vieira, no entanto nossas reivindicações nunca foram respeitadas e tratadas com seriedade por tal departamento. Isso se reflete na perpetuação dos problemas o que culminou no caso do último concurso de professor substituto para Processo Civil.

Mesmo após o RH e a reitoria terem dito que as contratações estavam suspensas durante a greve, nós do CADir descobrimos, INFORMALMENTE, que havia sido realizado concurso para a matéria de Processo Civil. Perguntamos aos representantes discentes se eles tinham conhecimento sobre e se havia sido convocada alguma reunião departamental durante os meses de junho, julho e agosto. A resposta foi negativa.

O concurso fora convocado duas vezes, na primeira não houve nenhuma inscrição e na segunda, candidataram-se apenas dois professores. O concurso foi realizado no dia 22 de Agosto, cuja banca era composta pelos seguintes professores: Prof. Luiz Antônio Soares Hentz, Profa. Yvete Flavio da Costa, Profa. Luciana Lopes Canavez.

Em ambos os casos, Representação Discente e Centro Acadêmico nunca foram notificados sobre a realização do certame. Mesmo o Departamento sabendo que nós, discentes, somos os maiores interessados nesse assunto, haja vista a série de manifestações a respeito da matéria, não se deu ao trabalho sequer de enviar qualquer e-mail informando-nos.

O Centro Acadêmico tem como proposta fiscalizar os processos de contratação e divulgar amplamente todos os concursos. Essa prática dá-se pela obscuridade com que eram realizados esses certames, sempre muito mal divulgados, com editais muitas vezes sob medida para candidatos específicos, com sistema de apadrinhamento para orientandos e amigos. Por meio do trabalho de enviar editais para departamentos, programas de pós graduação e centros acadêmicos de todo o Brasil, temos conseguido aumentar o número de candidatos, o que por sua vez aumenta a concorrência e a qualidade do nosso curso.

Quando um departamento deixa de nos informar de um concurso, que ocorre em um período delicado como a greve em que tal órgão está de portas fechadas, impede que possamos acompanhá-lo. Tudo isso leva à catástrofe do último: o candidato aprovado era nada mais nada menos que orientando de mestrado do presidente da banca. Essa situação ataca descaradamente um princípio ético e acaba por trazer mais prejuízos ao nosso curso.

Sabemos que o caso foi levado ao Ministério Público para que seja investigado, já que o segundo candidato se sentiu ofendido e optou por não prestar o concurso. Além do mais, um fato desse repete da nossa instituição excelentes professores que poderiam vir prestar concursos, mas se inibem com tamanhos absurdos que aqui acontecem.

Como na última Congregação a pauta do concurso foi barrada pela suspeita da irregularidade e possível ação do Ministério Público (a qual não tivemos acesso por correr em segredo), ela deve retornar na próxima Congregação do dia 07/10 para se submeter à aprovação.

Diante de todo este contexto e de como a situação sempre foi tratada pelo Departamento, é que o Centro Acadêmico de Direito, gestão Pagu, deverá se posicionar na próxima Congregação no sentido de pedir a NÃO homologação do último concurso de Processo Civil. Dependendo da aprovação dessa proposta, deverá ser convocado um novo concurso, o qual nos comprometemos a fiscalizar e divulgar. Essa decisão é uma forma de mostrar que não seremos coniventes com tais práticas e de demarcar nossa posição, para que nossas pautas não sejam destruídas.

Ainda sobre essa disciplina e sobre o episódio envolvendo o Professor André Valim Vieira que compareceu apenas à DUAS aulas e depois não foi capaz de repor essas aulas não dadas, deixando as turmas pelas quais era responsável com um déficit absurdo na matéria, é que o CADir anuncia que impetrou, por meio de ofício, que fosse realizado um processo administrativo para investigação do caso. Ou seja, queremos respostas de como que um professor não ministra aulas, recebe normalmente seu salário, não cumpre o acordo de reposição e ainda tem seu contrato renovado?

Desse modo, deixamos firmado aqui o compromisso de informá-los a respeito do andamento dos processos administrativo e da não homologação. Para mais informações sobre Processo Civil, acesse o dossiê relatando todos os problemas bem como os ofícios enviados no site: www.direitounesp.com ou fale com um dos nossos coordenadores.